

Percepção ambiental da Caatinga: experiência na associação comunitária do Território de Identidade do Sisal (BA)

Daise Oliveira Carneiro^{1*}, Adriana Aparecida Megumi Nishiwaki², Valquíria do Nascimento Tavares³, Maria Auxiliadora Freitas Santos⁴, Heron Ferreira Souza⁵

¹*Pós-Graduanda em Educação do Campo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano-Campus Serrinha (*Autor correspondente: dayseoliveira@outlook.com)*

²*Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.*

³*Doutorando em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.*

⁴*Docente do IF Baiano, Campus Serrinha.*

⁵*Docente do IF Baiano, Campus Serrinha.*

Histórico do Artigo: Submetido no VI Encontro de Desenvolvimento e Meio Ambiente, sendo aceito e indicado para publicação

RESUMO

Essa produção escrita compreende-se em um relato de experiência fruto do Projeto de Intervenção intitulado “Educação Ambiental em espaço não escolar: narrativas e percepções da caatinga”, haja vista que o projeto em questão foi aplicado em uma associação comunitária localizada na zona rural do município de Conceição Coité, Território de Identidade do Sisa (BA) e integra-se em uma das etapas da pesquisa-ação que está em fase de desenvolvimento do curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Educação do Campo do IF Baiano-Campus Serrinha. A finalidade do projeto supracitado consiste em desenvolver ações voltadas aos aspectos biogeográficas e percepção ambiental do bioma caatinga, além de discutir sobre as problemáticas socioambientais e tecnologias sociais de convivência com o semiárido. A metodologia de pesquisa consiste no planejamento e realização de intervenção e reflexão da ação a partir da utilização de metodologias participativas do Diagnóstico Rural Participativo (DRP). O estudo visa contribuir para que as vozes dos atores sociais do campo, sobretudo, os inseridos nas atividades da pesquisa-ação sejam ouvidos, considerando o diálogo de saberes e as potencialidades das tecnologias sociais de convivência com o semiárido.

Palavras-Chaves: Percepção ambiental, Pesquisa-ação, Educação Ambiental.

Environmental perception of the caatinga: an experience in a community association of the Territory of Identity of the Sisal (BA)

ABSTRACT

This written production is comprised of an experience report from the Intervention Project entitled "Environmental Education in non-school space: narratives and perceptions of the caatinga", since the project in question was applied in a community association located in the rural area of the municipality of Conceição Coité, Territory of Identity of Sisa (BA) and is part of an action-research stage that is in the development phase of the *Latu Sensu* Postgraduate Course in Field Education of the Baiano-Campus Serrinha Campus. The purpose of the aforementioned project is to develop actions focused on the biogeographic aspects and environmental perception of the caatinga biome, in addition to discussing the socio-environmental problems and social technologies of living with the semi-arid. The research methodology consists of the planning and execution of intervention and reflection of the action based on the use of participatory methods of Participatory Rural Diagnosis (DRP). The study aims to contribute to the voices of the social actors of the field, especially those inserted in the activities of the action research, considering the dialogue of knowledge and the potential of social technologies of coexistence with the semi-arid.

Keywords: Environmental Perception, Action Research, Environmental Education.

1. Introdução

A Educação Ambiental fomenta práticas e ações externamente e internamente aos espaços escolares na perspectiva holística, envolvendo os diversos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos da sociedade, para assim compreender os fenômenos referentes a questão ambiental. Pois, “em nosso entendimento, o basilar da Educação Ambiental compreende o diagnóstico dos problemas percebidos e a expressão das soluções visualizadas, considerando o envolvimento tanto subjetivo dos indivíduos quanto das políticas públicas[...]” Ruscheinsky e Costa (2002, p. 84).

Nessa dimensão, é importante situar que a educação vai além dos muros escolares e está presente também nos movimentos sociais, igrejas e demais grupos sociais que compõe a sociedade. Pois, além da educação formal que é “aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados (GONH, 2010, p.16), existe também a educação não formal como aquela que ocorre nos espaços não escolares e as suas práticas “se desenvolvem usualmente extramuros escolares, nas organizações sociais, nos movimentos sociais, nas associações comunitárias, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, práticas identitárias, lutas contra desigualdades e exclusões sociais. (GOHN, 2010, p.36).

No tocante, a educação em espaços não escolares, esta linha que norteia a Educação Ambiental, compreende em uma oportunidade de discutir conceitos, percepções e conhecimentos referentes a questão ambiental sem se limitar ao espaço escolar. Agrega, dessa forma, outros atores sociais, como é o caso dos associados da Associação Comunitária dos Moradores de Queimada do Cedro, município de Conceição do Coité-BA.

Diante disso, segundo a Lei 9.795/99 que dispõe sobre a Educação Ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental em seu Art. 2º diz que “a educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (BRASIL, 1999) ”.

Na perspectiva da Educação Ambiental não formal, almeja-se com essa produção escrita discutir a percepção ambiental como a compreensão de conceitos, percepções e sentidos atribuídos pelos sujeitos pesquisados a respeito de conhecimentos da questão ambiental. Diante disso, a Lei 9.795/99 entende a educação não-formal como aquela desenvolvida por meio de ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e à sua organização e participação na defesa da qualidade do meio ambiente” (BRASIL, 1999).

Portanto, faz-se necessário intensificar e ampliar discursos e práticas no contexto rural na perspectiva da questão ambiental com ênfase no bioma caatinga, pois esse tem seus limites estreitamente no território nacional, porém pouco estudada, além de ser a “região natural brasileira menos protegida, pois as unidades de conservação cobrem menos de 2% do seu território”. (LEAL; TABARELLI; SILVA. 2003, p. 13).

Com isso, pensar em ações em Educação Ambiental em espaços não escolares no contexto rural consiste em analisar o próprio espaço rural enquanto possibilidade de se refletir e atuar nessa realidade de maneira crítica e para isso requer observar o contexto social e analisar seus possíveis conflitos e potencialidade e pensando nisso, a percepção do bioma caatinga encontra-se inserido nessa discussão sob a perspectiva de compreender os significados atribuídos, transpondo o conceito de caatinga como “mata branca”.

E assim, fortalecer o entendimento da Educação como uma estratégia que esteja associada à adaptação cultural e com integração ao saber, com uma ética que efetive a gestão ambiental (Rodriguez e Silva, 2016).

Para tanto, a próxima seção deste trabalho consiste em abordar o material e métodos utilizados durante a pesquisa que resultou neste relato de experiência.

2. Material e Métodos

A metodologia desse estudo trilha pela abordagem qualitativa e leva-se em consideração o contexto e os atores sociais envolvidos, pois como nos diz Apolinário (2012, p.610) pesquisa qualitativa “é a que normalmente prevê a coleta de dados a partir de interações sociais do pesquisador com o fenômeno

pesquisado”.

Além disso, esse estudo compreende-se em uma pesquisa-ação, o qual o diagnóstico corresponde em uma etapa que tem como intuito analisar o campo empírico da intervenção, mas para isso é necessário a delimitação das técnicas e ferramentas a serem utilizadas, sem perder de vista que o planejamento de uma pesquisa-ação é flexível, pois “[...]há sempre um vaivém entre várias preocupações a serem adaptadas em função das circunstâncias e da dinâmica interna do grupo de pesquisadores no seu relacionamento com a situação investigada”. (THIOLLENT, 1947, p. 47).

Dessa maneira, a pesquisa-ação consiste em um processo dinâmica e capaz de articular a teoria com a prática, uma vez que o pesquisador segundo Dionne (2007, pag. 29) “é obrigado a tomar em consideração, de modo mais aprofundado, o vivido dos atores e participantes e de fornecer explicações pertinentes para a ação”. E nessa interação, para realizar o diagnóstico, uma das estratégias foi o grupo focal, este se constitui “[...]uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores[...] simbologias prevalentes no trato de uma dada questão[...]”. (GATTI, 2012, p.11).

Segundo Thiollent (1947, p.14)

[...]pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT,1947, p.14).

Outra estratégia metodológica consistiu na realização de entrevista semiestruturada, haja vista, os pontos estruturantes do roteiro se baseou nos questionamentos correlatados ao conceito do bioma caatinga, problemáticas presentes na comunidade e a produção agrícola.

Utilizou-se o Diagnóstico Rural Participativo-DRP como mecanismo da ação diagnóstica, no qual têm como sujeitos da pesquisa os atores sociais inseridos nas atividades da Associação Comunitária de Queimada do Cedro, município de Conceição do Coité, localizado no Território de Identidade do Sisal. Conforme escreve Verdejo (2006, p. 12)

O Diagnóstico Rural Participativo (DRP) é um conjunto de técnicas e ferramentas que permite que as comunidades façam o seu próprio diagnóstico e a partir daí comecem a auto gerenciar o seu planejamento e desenvolvimento. Desta maneira, os participantes poderão compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação. (VERDEJO, 2006, p.12).

É viável preponderar que os dados obtidos com a aplicação do DRP subsidiarão a elaboração do plano de ação que para Thiollent (2011, p.79-80) consiste em definir com precisão os seguintes pontos:

Quem são os atores ou as unidades de intervenção? Como se relacionam os atores e as instituições: convergências, atributos, conflito aberto? Quem toma as decisões? Quais são os objetivos (ou metas) tangíveis da ação e os critérios de sua avaliação? Como dar continuidade à ação, apesar das dificuldades. Como assegurar a participação da população e incorporar suas sugestões? Como controlar o conjunto do processo e avaliar os resultados? (THIOLLENT, 2011, p.79-80).

No entanto, “[...]a pesquisa-ação não é constituída apenas pela ação ou pela participação. Com ela é

necessário produzir conhecimentos, adquirir experiência, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas[...] (THIOLLENT, 1947, p.28).

2.1 O Diagnóstico da pesquisa-ação

A pesquisa-ação é uma estratégia de pesquisa com base empírica (THIOLLENT, 1947) orientada para a intervenção de uma realidade social, e nesse sentido, a pesquisa e a ação nesse tipo de estudo acontecem de modo simultâneo na busca de compreender um determinado objeto social para poder intervir.

Nesta perspectiva, o diagnóstico na pesquisa-ação compreende-se em uma etapa fundamental na metodologia, pois a partir das técnicas utilizadas no diagnóstico, dos resultados analisados, é possível racionalizar o problema da pesquisa para poder intervir. E embora na pesquisa-ação exista sempre esse vai e vem de situações, ela “[...]tem sido concebida principalmente como metodologia de articulação do conhecer e do agir (no sentido de ação social, ação comunicativa, ação pedagógica, ação militante etc.)”. (THIOLLENT, 1947, p.110).

Estudar as/os atores que compõe as atividades da Associação compreende-se em entender as relações de gênero presente, as percepções e sentidos atribuídos a caatinga com o conceito de lugar e com a produção agrícola da localidade do estudo, e para isso, a elaboração do plano de ação deve esta imbricada com essas análises, resultados coletados por meio das técnicas utilizadas no diagnóstico.

Segundo os dizeres de Dionne:

[...] a pesquisa-ação tende a fortalecer a relação entre teoria e prática, favorecer alianças e comunicações entre pesquisadores e atores, perseguir um duplo objetivo de conhecimentos a desenvolver (pesquisa) e de situações a modificar (ação), produzir um novo saber na ação e para a ação, inserir-se em um processo de tomada de decisão com vista à resolução de problemas. (DIONNE, 2007, p.46).

Nesse sentido, [...] a pesquisa-ação deve se concretizar em alguma forma de ação planejada, objeto de análise, deliberação e avaliação[...] Em geral, trata-se de uma ação na qual os principais participantes são os membros da situação ou da organização sob observação[...]”. (THIOLLENT, 1947, p. 79).

Foi analisado por meio do diagnóstico participativo que existe uma estreita relação entre a percepção do bioma caatinga com a produção agrícola da localidade. Para o grupo pesquisado o bioma Caatinga (local) encontra-se degradado, com acentuada perda da biodiversidade, dentre as causas, destaca-se o desmatamento intenso de áreas nativas, com a finalidade de realizar práticas agrícolas, plantio de capim (*Cymbopogon*) e criação de animais, dentre bodes (*Capra aegagrus hircus*), ovelhas (*ovis aries*) e bois (*bos Taurus*).

A execução do plano de ação consiste em uma das etapas da pesquisa-ação o qual teve enquanto intento a realização de oficina, intercâmbio de experiência, seminário e encontro de culminância esse, por sua vez, será realizado em virtude de divulgar os dados do estudo e apresentar o produto-cartilha. Logo, todas essas estratégias foram planejadas dando ênfase a Educação Ambiental em espaço não escolar que “[...]se constitui num espaço de diálogos abertos às proposições inovadoras de integração, articulação e acolhimento de audiências e experiências socioambientais amplas”. (HIGUCHI, ZATTONI, BUENO, 2012. p.121).

Portanto, a primeira ação teve enquanto objetivo realizar uma oficina sobre os problemas ambientais locais, tendo em vista da necessidade refletir as questões ambientais a partir da realidade vivenciada pelos atores sociais, sendo que nessa atividade, utilizou-se a ferramenta participativa árvore dos problemas.

Considera-se pertinente abordar a temática convivência com o semiárido, uma vez que o bioma caatinga possui o clima semiárido, pois compreende-se em um fenômeno natural, e pode-se retratar a convivência por meio de práticas sustentáveis que possibilitem condições mais favoráveis de se habitar ao clima local. Dessa

forma, estabeleceu-se enquanto estratégia um intercâmbio de experiência à uma propriedade Agroecológica localizada na comunidade de Mucambo município de Riachão do Jacuípe, com o objetivo de vivenciar uma experiência em Educação Ambiental com ênfase na convivência com o semiárido e implementação de tecnologias sociais, possibilitando aos sujeitos da pesquisa-ação troca de saberes.

Conforme o pensamento de Leff (2009):

O diálogo de saberes se produz no encontro de identidades. É a entrada do ser constituído por intermédio de sua história até o inédito e o impensado, até uma utopia arraigada no ser e no real, construída a partir dos potenciais da natureza e dos sentidos da cultura. O ser, para além de sua condição existencial geral e genérica, penetra o sentido das identidades coletivas que constituem o crisol da diversidade cultural em uma política da diferença, mobilizando os atores sociais para a construção de estratégias alternativas de reapropriação da natureza em um campo conflitivo de poder, no qual se desdobram sentidos diferenciados e, muitas vezes, antagônicos, na construção de um futuro sustentável. (LEFF, 2009, p.19).

O terceiro encontro, por sua vez, consistiu na realização do I Seminário de Educação Ambiental da Associação dos Moradores de Queimada do Cedro e teve enquanto intento abordar a problemática do desmatamento da caatinga, pois a partir do diagnóstico e com a aproximação do campo empírico da pesquisa foi possível analisar que o desmatamento é uma das problemáticas ambientais mais presentes na localidade desta pesquisa. Além disso, é importante ressaltar que o desmatamento da área do estudo está associado com a agricultura feita de forma inadequada, além do plantio do capim para a criação de bovino e consequentemente ocasionando também a compactação do solo.

A última atividade compreenderá em um encontro de culminância da pesquisa-ação com o objetivo de apresentar o produto da pesquisa-ação que neste caso será uma cartilha elaborado de acordos com os princípios da educomunicação. A cartilha será um material que conterà histórico da localidade, fotografias, mapas mentais, falas dos sujeitos da pesquisa, informações referentes ao bioma caatinga e demais conteúdos sobre o projeto de intervenção realizado.

A avaliação da pesquisa-ação será processual, pois será avaliado cada encontro do plano de ação, observando os resultados obtidos e também a importância de cada ação para o desenvolvimento local no âmbito da Associação Comunitária de Queimada do Cedro.

3. Resultados e Discussão

A seção deste trabalho dedica-se em abordar os resultados e discussões inerentes a uma experiência em Educação ambiental desenvolvida em um espaço não escolar, haja vista que as ações desenvolvidas no projeto de intervenção partiu das análises das informações coletadas do diagnóstico para chegar nesta etapa da pesquisa-ação, delimitando temas a serem abordados e as estratégias metodológicas da intervenção. Dessa forma, o plano de ação estruturou-se da seguinte maneira:

- Oficina: Problemáticas ambientais locais: o que eu tenho haver com isso?
- Intercâmbio de experiência: Qualidade de vida no semiárido: desafios e potencialidade;
- I Seminário de Educação Ambiental: caatinga: que bioma é esse?
- Encontro de culminância da pesquisa-ação.

3.1 Oficina-Problemas ambientais locais: o que eu tenho com isso?

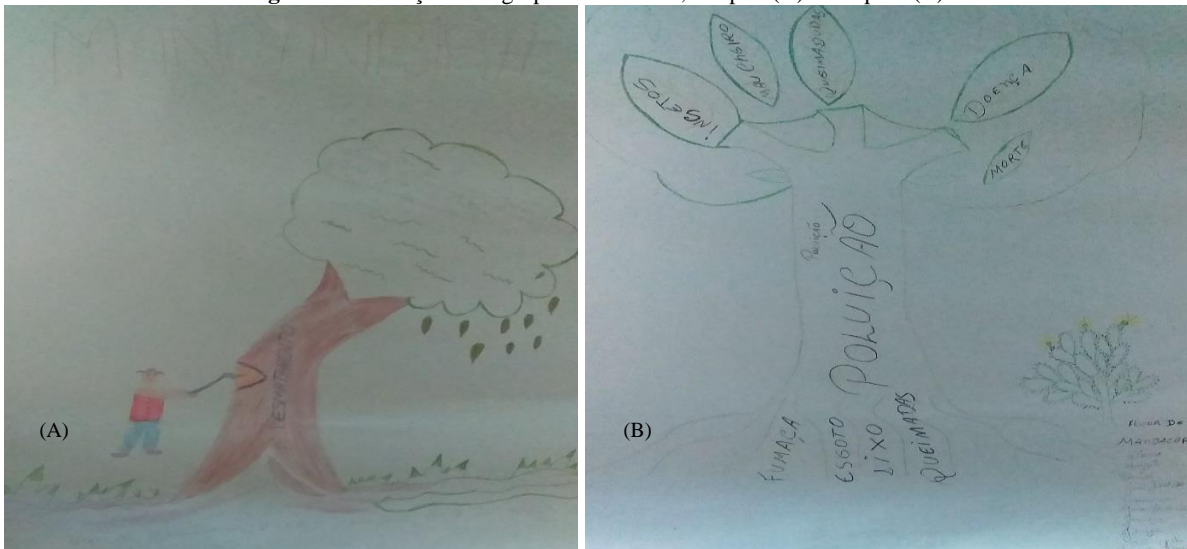
A oficina intitulada “Problemas ambientais locais: o que eu tenho com isso?” Teve enquanto objetivo discutir os problemas ambientais da comunidade de maneira coletiva e dinâmica, mas para isso utilizou enquanto procedimentos metodológicos os seguintes passos: Mística, atividade em grupos utilizando uma ferramenta participativa. Nesta árvore dos problemas os grupos iriam discutir e destacar os problemas ambientais mais agravantes na comunidade e o intuito foi demonstrar que todo problema ambiental tem causas e efeitos, além de proporcionar uma leitura do próprio ambiente que moram.

Para Sauv  (2005)

O meio ambiente lugar em que se vive (para conhecer, para aprimorar).   o ambiente da vida cotidiana, na escola, em casa, no trabalho etc. Uma primeira etapa de educa o ambiental consiste em explorar e redescobrir o lugar em que se vive, ou seja, o “aqui e agora” das realidades cotidianas, com um olhar renovado ao mesmo tempo apreciativo e crítico trata-se também de redefinir-se a si mesmo e de definir o próprio grupo social com respeito às rela es que se mant m com o lugar em que se vive. (SUAV , 2005, p.318).

  importante perceber que a estratégia metodológica da oficina consistiu da Associa o refletir sobre os problemas ambientais da localidade que está inserida (Fig.1), percebendo que as questões ambientais não estão desassociadas do seu cotidiano, fazendo com que a Associa o dos Moradores também desperte para discutir a temática.

Figura 1 – Produ es dos grupos de trabalho, Grupo 1(A) e Grupo 2 (B).



Fonte: Acervo do projeto de Intervens o (2018).

A partir da árvore dos problemas ambientais o grupo 1 destacou o desmatamento e dentre as suas causas pontuaram a falta de consciência ecológica e no que tange os efeitos destacaram problemas de saúde, extin o de animais, a terra improdutiva, além da estiagem e erosão. E a seguir, observe as reflexões do grupo 2 na Tabela 1.

Tabela 1 – Reflexões do grupo 2.

Problemas	Causas	Efeitos
Poluição das águas, do solo e do ar	Esgoto	Doenças
Poluição do solo	Lixo, queimadas	Mau cheiro
Poluição do ar	Fumaça	Proliferação de insetos

Fonte: Elaboração, CARNEIRO, D. (2018)

Após esta atividade ocorreu uma roda de conversa para avaliar o encontro, as falas foram bastante importantes para possibilitar troca de saberes e analisar o percurso do projeto de intervenção. Desse modo, foi interessante a fala de uma professora da escola da localidade quando a mesma relatou da importância desses encontros tratando sobre o meio ambiente para os membros da Associação que em sua maioria também são pais dos alunos da escola a qual essa professora trabalha. Conforme Guimarães e Vasconcellos (2006, p. 156) “a educação não formal por ter uma organização espaço-tempo mais flexível, possui um importante papel para a ampliação da cultura científica e humanística. Mas, para conseguir popularizar o seu trabalho, é importante que estes espaços estabeleçam uma forte parceria com as escolas[...]”.

Segundo a narrativa desta professora “a questão do meio ambiente é trabalhada na escola com o Programa Despertar e a Metodologia do CAT-Conhecer, Analisar e Transformar a realidade do campo, então a gente faz esse trabalho com os alunos, mas muitas das vezes os estudantes chegam à sala de aula trazendo relatos de que os pais não dão uma devida importância para este tema, então esse Projeto na Associação é interessante que aí já trabalha a consciência do pais dos alunos”. Portanto, diante disso justifica-se a necessidade de se desenvolver projetos de Educação Ambiental para além dos muros escolares com experiências conceituais e práticas da questão ambiental.

Desta forma, Segundo Loureiro (2012), a percepção dos problemas enquanto ambientais podem ter dimensões que perpassam a questão natural, mas também econômica, política, simbólica e ideológicas que ocorrem em um dado contexto histórico.

3.2 Intercâmbio de Experiência

O intercâmbio de experiência ocorreu na comunidade de Mucambo município de Riachão do Jacuípe (Fig.2) com o intento de vivenciar uma experiência em Educação Ambiental especificamente o Projeto de Educação Ambiental Vida do solo, conhecendo na prática uma experiência com ênfase na convivência com o semiárido, a partir da implementação de tecnologias sociais.

A proposta de tecnologia social, segundo Jesus e Costa (2013, p.20):

[...] defende o desenvolvimento e utilização de tecnologias para inclusão social, com base na compreensão de que homens e mulheres devem estar envolvidos em um constante processo de ação e reflexão, de modo que a interação entre indivíduo e tecnologia permita expressar ações que valorizem uma sociedade mais justa, inclusiva e sustentável. (JESUS; COSTA, 2013, p.20).

Nesse interim, os autores citados acima ainda pontuam que na tecnologia social se combate a ideia de que cabe aos especialistas, devidamente aparelhados com suas formações técnicas e metodologias testadas, a construção de soluções e de tecnologias para os inúmeros problemas cotidianos. Portanto, a tecnologia social

está implicada na participação, empoderamento e autogestão de seus usuários para resolução de problemas vivenciados por uma coletividade que podem desenvolver, apropriar-se de, ou adequar tecnologias (JESUS; COSTA, 2013).

Figura 2 – Intercâmbio de experiência com ênfase nas tecnologias sociais de convivência com o semiárido.



Fonte: CARNEIRO, M. (2018).

O Projeto de Educação Ambiental Vida do solo é uma iniciativa que visa utilizar potencialidades do bioma caatinga e ao mesmo tempo não agredi-lo, ou seja, possibilita práticas agroecológicas de convivência com o semiárido, além de gerar renda para as famílias que residem na comunidade que o projeto está situado.

As tecnologias sociais de convivência com o semiárido visitadas foram: cisterna calçada, cisterna de consumo, barragem subterrânea, barraginhas sucessivas, barreiro trincheira, barreiros de captação de água da chuva, cerca elétrica, palma adensada plantado em curva de nível, estoque de alimento para caprinos e ovinos, biodigestor (produção de Biogás), estufa com viveiro de mudas de plantas, bomba malhação, kit de irrigação feito com micro aspersor feito de tubos de canetas e haste de pirulito.

3.3 I Seminário de Educação Ambiental

O I Seminário de Educação Ambiental da Associação dos Moradores de Queimada do Cedro cuja temática foi “Caatinga: que bioma é esse?” integra-se as ações do Projeto de intervenção com ênfase em Educação Ambiental em espaço não escolar da pesquisa-ação em fase de desenvolvimento do Curso de Pós-Graduação em Educação do Campo do Instituto Federal-IF Baiano, campus Serrinha.

Portanto, é importante destacar que falar de Educação Ambiental vai além dos muros escolares, assim, o presente projeto está sendo desenvolvido em um espaço de educação não formal na perspectiva de troca de saberes e de construção coletiva.

Diante disso, traçou-se enquanto objetivos: tratar sobre a Educação Ambiental em espaço não escolar; abordar a temática desmatamento da caatinga; relacionar os conteúdos da palestra com o intercâmbio realizada no Projeto de Educação Ambiental-Vida do Solo; discutir a percepção ambiental da caatinga a partir dos mapas mentais produzidos na oficina diagnóstica da pesquisa-ação.

A primeira atividade do seminário foi uma dinâmica de grupo de acolhida, mas que também teve o objetivo de fazer uma relação com a temática da atividade. Desse modo, ao longo do seminário falou-se do clima, vegetação, hidrografia, geomorfologia, fauna, flora e solo do bioma caatinga levando em consideração que os aspectos supracitados não estão isolados. Além disso, tratou sobre o uso e ocupação da caatinga e os impactos ambientais deste bioma que é exclusivamente brasileiro.

Enquanto estratégia didática destaca, sobretudo, a utilização de fotografia de áreas (Fig.3) da comunidade que a Associação está inserida com a intenção de proporcionar novas reflexões acerca das características do bioma em questão.

Figura 3 – Fotografias utilizadas no seminário.



Fonte: Acervo do Projeto de Intervenção.2018.

Portanto, a atividade proposta buscou abranger as concepções deste bioma, sobretudo, na perspectiva de ampliar a compreensão de ambiente para além de um viés naturalista o qual não insere o ser humano como um dos integrantes deste espaço, haja vista, a necessidade de incorporar uma concepção abrangente de ambiente, compreendendo este como um espaço que envolvem relações econômicas, culturais e históricas interligada à dinâmica natural.

4. Conclusão

Torna-se cada vez mais urgente a necessidade de se incorporar no debate ambiental questões concernentes ao bioma caatinga no âmbito do semiárido baiano em virtude de envolver as pessoas desse contexto com as problemáticas e potencialidades a partir dos seus lugares de vivências. E foi pensando nisso que o Projeto de Intervenção com ênfase na Educação Ambiental em espaço não escolar surgiu.

Com isso, o Projeto de Intervenção em questão buscou estudar a percepção ambiental da caatinga com base na utilização das metodologias participativas e estratégias didáticas que possibilitassem trocas de saberes e experiências em Educação Ambiental.

As temáticas aqui desenvolvidas surgiram após a etapa do diagnóstico da pesquisa-ação, etapa basilar para este estudo teórico-prático. Desse modo, foi preciso partir do que os atores sociais da pesquisa compreendiam acerca do bioma caatinga para assim desenvolver ações que abrangessem esse conceito além de uma definição etimológica de caatinga enquanto mata branca. Logo, foi imprescindível a concretização de

ações em Educação Ambiental a partir de um viés holístico de ambiente o qual os elementos biogeográficos não estão desassociados dos aspectos sociais.

Despertar à Associação Comunitária para a discussão da questão ambiental, talvez tenha sido uma das contribuições deste projeto de intervenção, sobretudo, a partir da perspectiva de que é possível falar e construir práticas educativas em Educação Ambiental para além de uma realidade escolar.

5. Referências

APOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia da ciência: Filosofia e prática da pesquisa**. 2ed. São Paulo: Cengage Learning: 2012.

DIONNE, Hugues. **A pesquisa-ação para o desenvolvimento local**. Trad. Michel Thiollent. Brasília. Liber Livro Editora. 2007.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília. Liber Livro Editora:2012.

GUIMARÃES, Mauro; VASCONCELLOS, Maria Mercês. Relações entre educação ambiental e educação em ciências na complementaridade dos espaços formais e não formais de educação. Curitiba, n. 27, p. 147-162, 2006. **Editora UFPR**. Disponível em: < <http://www.redalyc.org>>. Acessado em: 04 de abril de 2018.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; ZATTONI, Michelle; BUENO, Fernando Protti Bueno. Educação Ambiental em contextos não escolares: definindo, problematizando e exemplificando. **Pesquisa em Educação Ambiental**. vol. 7, n. 2. p. 119-131, 2012. Disponível em: <www.revistas.usp.br>. Acessado em: 06 de abril de 2018.

LEAL, Inara R; TABARELLI, José Cardoso; SILVA, José Maria Cardoso (org.) **Ecologia e conservação da caatinga**. Recife. Ed. Universitária da UFPE. 2003.p. 822.

LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. **Educação e Realidade**. v. 34, n. 3. 2009. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br>>. Acessado em: 06 de abril de 2018.

LOUREIRO, Carlos Frederico B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. Editora Pedagógica e Universidade: 1986.

OLIVEIRA, Nilza Aparecida da S.A Educação Ambiental e a Percepção Fenomenológica, através de Mapas Mentais. **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Disponível em <<https://www.seer.furg.br/remea>>. Acessado em: 25 de maio de 2017.

RODRIGUEZ, Jose M. Mateo; Silva, Edson Vicetne. **Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Problemática, Tendências e Desafios**. 4 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2016.

RUSCHEINSKY, Aloísio; COSTA, Adriane Lobo. A Educação Ambiental a partir de Paulo Freire. In: RUSCHEINSKY, Aloísio (org.) **Educação Ambiental: abordagens múltiplas**. Porto Alegre: Artmed. 2002. p.73-89.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322. Disponível em: < <http://www.scielo.br>>. Acessado em: 04 de abril de 2018.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 11 ed. São Paulo. Cortez: 2002.

_____. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

_____. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez. 2011.

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar. 2006